

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

KARLA CRISTHINA SOARES SOUSA

**UMA INTERPRETAÇÃO DOS FATOS NA CONSTRUÇÃO DO OUTRO SEXO
EM SIMONE DE BEAUVOIR**

São Luís

2013

KARLA CRISTHINA SOARES SOUSA

**UMA INTERPRETAÇÃO DOS FATOS NA CONSTRUÇÃO DO OUTRO SEXO
EM SIMONE DE BEAUVOIR**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Filosofia da Universidade
Federal do Maranhão, para obtenção do grau
de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rita de Cássia Oliveira

São Luís

2013

SOUSA, Karla Cristhina Soares

Uma interpretação dos fatos na construção do Outro Sexo em Simone de Beauvoir / Karla Cristhina Soares Sousa- São Luís, 2013.

p. xx

Impresso por computador (fotocópia)

Orientadora: Prof^a. Dra. Rita de Cássia Oliveira. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia, 2013.

1. Filosofia existencialista 2. Gênero 3. Natureza 4. Cultura. I título

Número CDU: 141.32

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**UMA INTERPRETAÇÃO DOS FATOS NA CONSTRUÇÃO DO OUTRO SEXO
EM SIMONE DE BEAUVOIR.**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Filosofia da Universidade
Federal do Maranhão, para obtenção do grau
de Licenciado em Filosofia.

KARLA CRISTHINA SOARES SOUSA

Aprovada em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Rita de Cássia Oliveira (Orientadora)

Prof^ª. Ms. Maria do Socorro Gonçalves da Costa (UFMA)

Prof^ª. Ms. Cynthia Moreira Lima (UFMA)

São Luís

2013

Ao meus avós, Manoel Sousa e Maria
Sousa, pelo seu eterno incentivo.

AGRADECIMENTOS

À minha querida amiga e mãe, Gisele Sousa, pela sua paciência e apoio. Ao meu amigo e companheiro, Leonardo Fernandes, pela sua escuta atenciosa e críticas amadoras que tanto me ajudaram na elaboração deste trabalho. Aos meus queridos amigos do curso de filosofia: Leydaiane Gomes, Karlyne Vale, Samara Dias, Katiane Melo, Samuel Garcia, Rafael de Sousa, Joás Ribeiro, Raul Reis, Nathalia Salazar e Socorro Belfort. Aos meus companheiros de estudo em filosofia francesa: Prof^o. Valdério, Kaique, João, Rômulo e Rodolfo. Aos queridos amigos do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão: Fábio Freire e Raquel. Aos meus queridos e eternos professores: minha orientadora Rita de Cássia, Luciano Façanha, Almir Ferreira, William Coelho, Cynthia Moreira e Maria do Socorro Costa.

RESUMO

Buscou-se investigar os aparatos filosóficos presentes na hipótese desenvolvida por Beauvoir no trabalho intitulado *O Segundo Sexo*, especificamente o discurso referente ao Destino e a História que condicionaram a construção do Outro Sexo, bem como analisar a sua influência para as teorias contemporâneas na discussão de gênero. Para tanto, problematizou-se, pela luz da filosofia existencialista, os conceitos-chaves dessa análise, como as dicotomias: Natureza/Cultura, Sujeito/Objeto, Mesmo/Outro, Imanência/Transcendência. É necessário ressaltar que o método utilizado foi o hermenêutico, consistindo na análise da obra e dos principais termos técnico-filosóficos que a constitui.

Palavras-chave: Gênero. Filosofia. Natureza. Cultura.

ABSTRACT

This paper investigates the philosophical apparatus present in the hypothesis developed by Beauvoir in the work entitled *The Second Sex*, specifically the discourse regarding Destination and History that have conditioned the construction of the Other Sex, as well as analyze their influence to the contemporary theories in the discussion of gender. In order to do so, by the light of the existentialist philosophy, the key concepts of this analysis, dichotomies such as: Nature/Culture, Subject/Object, Same/Other and Immanence/Transcendence were problematized. It is necessary to emphasize that the method used was hermeneutic, consisting in the analysis of the work and the main technical and philosophical terms that constitutes it.

Keywords: Gender. Philosophy. Nature. Culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. NOTAS SOBRE A ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA	13
2.1 A intencionalidade	13
2.2 A existência	14
2.3 Glosa sobre a situação	15
2.4 Glosa sobre a má-fé	16
2.5 O outro	16
2.6 Glosa sobre a liberdade.....	18
3. ANOTAÇÕES SOBRE A MORAL EXISTENCIALISTA	18
4. DISCURSO REFERENTE AO DESTINO	21
4.1 Destino biológico.....	22
4.1.1 A concepção de corpo em Heidegger	23
4.1.2 A concepção de corpo em Sartre	25
4.1.3 A concepção de corpo em Ponty	26
4.1.4 O corpo beauvoireano.....	27
4.2 Sobre o ponto de vista psicanalítico	28
4.3 Sobre o ponto de vista do materialismo histórico.....	29
5. DISCURSO REFERENTE À HISTÓRIA	30
5.1 Momentos I e II	31
5.2 Momentos III e IV	33
5.3 Momentos V	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu de uma observação por parte da autora, da falta em estudos filosóficos que tomem como objeto a condição feminina. Em decorrência disso, chegou-se ao que poderíamos definir por filosofia de gênero e ao trabalho intitulado *O Segundo Sexo* da filósofa Simone de Beauvoir. O referido trabalho é reconhecido hodiernamente como referência teórica para a compreensão da problemática na filosofia de gênero e um marco para história dos movimentos feministas.

Dentro do discurso filosófico tradicional muito se falou sobre a mulher, porém todo discurso elaborado não passou de tolices proferidas. Tomavam muitas vezes a divisão do sexo como um dado. De Aristóteles a Rousseau encontramos discursos hostis a respeito da mulher. Foi com Paullain de La Barre que se fez o primeiro discurso de reconhecimento da igualdade dos sexos na filosofia “masculina”¹.

Situando-se no âmbito da filosofia existencial, Beauvoir destaca que o drama da mulher está na reivindicação de todo sujeito que se põe sempre como essencial e às exigências de uma situação que a constitui como inessencial².

A temática abordada por Beauvoir é vista na problemática do sexo feminino ser visto como Outro perante o sexo masculino. Para a autora a alteridade é uma modalidade fundamental ao pensamento humano, pois toda coletividade se define como uma colocando imediatamente a Outra diante de si.

A rejeição e a opressão do Outro sexo fundamenta-se por bases idealistas, considerando o antagonismo das consciências uma justificativa para a oposição entre o Mesmo e o Outro. O homem é o Sujeito, o Absoluto; A mulher é o Outro.

A partir das dicotomias natureza-cultura, sujeito-objeto, Mesmo-Outro, imanência-transcendência, Beauvoir discute a situação feminina procurando uma explicação filosófica para a opressão da mulher, entendendo que o grande problema desta, é a incapacidade para a transcendência, que decorre não da sua essência, mas pelas possibilidades de fazer escolhas.

A filósofa afirma que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. O gênero é construído, não é o destino biológico, psíquico, econômico que define a forma que a

¹ Por *filosofia masculina* compreende o discurso elaborado pelos filósofos.

² Ao decorrer do trabalho iremos esclarecer essa assertiva.

fêmea humana assume no seio da sociedade, mas o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino³.

Esta pesquisa limitou-se à compreensão dos pressupostos filosóficos na análise de Beauvoir sobre a condição feminina, no que concerne ao Destino e a História que norteiam a formação da mulher como um sujeito à margem na construção social. A princípio, serão abordados os principais conceitos da filosofia ontológica fenomenológica, como: o conceito de intencionalidade, existência, situação, má-fé, o outro e por último, o conceito de liberdade. Para em seguida, abordar-se a problemática da ambiguidade da condição humana e os discursos construídos sobre o segundo sexo.

O trabalho encontra-se dividido em quatro partes: 1) Notas sobre a ontologia fenomenológica; 2) As anotações sobre a moral da ambiguidade; 3) Comentários sobre o Destino; 4) Comentários sobre a História.

No primeiro capítulo de desenvolvimento do trabalho, foram analisados os principais conceitos estudados pela ontologia fenomenológica. Com esse objetivo, escolheu-se trabalhar as compreensões dadas por Husserl, Sartre e Beauvoir.

No segundo capítulo, estudou-se a moral, que Beauvoir define como a moral existencialista. Partindo da compreensão de sua ética pela análise dos conceitos de liberdade e do agir humano. Entende-se por liberdade a condição original de toda justificção da existência; onde surgem todas as significações e todos os valores. Dessa forma, o agir humano só adquire sentido válido quando é assumido como movimento rumo à liberdade.

Nos capítulos seguintes será exposta a maneira como a situação singular feminina tornou-se um drama existencial para a mulher, iniciando a compreensão das exigências de uma situação que a constitui como inessencial na participação do movimento construtor da humanidade. Pelas contribuições da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico, compreende-se o peso desse destino na construção da existência feminina.

A relevância da pesquisa encontra-se no caminho escolhido, pois ainda causa estranheza tratar de assuntos como a questão de gênero pelo âmbito filosófico pela

³ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v. p.361.

predominância masculina com que são tratados os temas referentes ao gênero. A pesquisa empreendida por Beauvoir foi pioneira nesse caminho, analisando a situação da mulher em termos universais e abrindo caminhos para tantas outras questionarem esse sujeito no discurso.

2. NOTAS SOBRE A ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Este capítulo tratará de esclarecer os principais conceitos da filosofia ontológica fenomênica, dada pelos seus principais expoentes. Escolheu-se analisar pelas filosofias de Husserl, de Sartre e Beauvoir as seguintes categorias: 1) intencionalidade; 2) a existência; 3) a situação; 4) a má-fé; 5) o outro; e 6) a liberdade.

2.1. A intencionalidade

A ideia da intencionalidade dada pela ontologia fenomenológica principia com Husserl. Husserl diz que toda a consciência é consciência de alguma coisa. Com essa assertiva, adentra-se no campo da epistemologia contemporânea, a qual converteu o dualismo da realidade da coisa vista como essência e aparência pela noção de finito e infinito.

A teoria do fenômeno surge com o progresso do pensamento moderno e compartilha do pressuposto que “o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta”⁴, ou seja, o ser é revelado por uma série de aparições e não mais por uma essência que estaria no objeto.

Sendo assim, a fenomenologia dada por Husserl, é contrária às filosofias digestivas que compreendiam ser a realidade das coisas certo conjunto ou ordem de conteúdos da consciência e que seriam apreendidos por processo de assimilação, unificação ou identificação dos mesmos.

[...] Por isso, enfim, podemos igualmente rejeitar o dualismo da aparência e da essência. A aparência não esconde a essência, mas a revela: ela é a essência. A essência de um existente já não é mais uma virtude embutida no seio deste existente: é a lei manifesta que preside a sucessão de suas aparições. [...]⁵

⁴ Sartre, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Tradução de Paulo Perdigão. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 16.

⁵Id. p. 16

Torna-se então necessário pontuar que a fenomenologia dada por Husserl não é realista, ela não acredita que a coisa é absoluta e nem que esta entraria em comunicação com consciência, mas que a consciência e o mundo surgem simultaneamente; o mundo é relativo a ela.

[...] Contra a filosofia digestiva do empiriocriticismo, do neokantismo, contra todo o “psicologismo”, Husserl não se cansa de afirmar que não se pode dissolver as coisas na consciência. Vêem esta árvore, seja. Mas estão a vê-la no próprio lugar em que está: à beira do caminho, no meio do pó, só e retorcida pelo calor, a vinte léguas da costa mediterrânea. Não poderia entrar na vossa consciência, porque não é da mesma natureza que ela. Julgareis reconhecer aqui Bérson e o primeiro capítulo de *Matière et Mémoire*. Mas Husserl não é realista: essa árvore colocada num pedaço de terra gretada não constitui um absoluto que entraria mais tarde em comunicação conosco. A consciência e o mundo surgem simultaneamente: exterior por essência, o mundo é por essência relativo a ela [...]⁶

O processo de consciência para os fenomenólogos não se limita a pura representação. A consciência não é uma substância, não é possível dissolver as coisas nela. Husserl chama de intencionalidade esta necessidade que tem a consciência de existir como consciência diferente dela.

2.2. A existência

O existencialismo é uma reflexão filosófica sobre o homem, ou melhor, sobre o ser do homem enquanto existente. Propõe que primeiro o homem existe no mundo e, só depois, se define por meio do que faz na vida. O ponto de partida fundamental dessa filosofia está expresso na seguinte frase: “a existência precede a essência”. Assim se posicionando na história da filosofia, o existencialismo se opõe às filosofias essencialistas que antepõem a essência à existência.

Afirma Sartre que o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo, inicialmente o homem é um nada, para posteriormente ser alguma coisa e será o que se fizer ser. A escolha sempre é possível para o existencialismo.

⁶ SARTRE, Jean-Paul. *Situações I*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968. p. 1

Então, o sentido tradicional de natureza humana é substituído pela condição humana⁷ que nada mais é que um pré-engajamento, “uma condição que ainda não se encontra verdadeiramente engajada naquilo que o existencialismo chama de projeto”⁸.

2.3. Glosa sobre a situação

[...] Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular. [...]⁹

Ao afirmar que todo ser humano concreto sempre se situa de modo singular, Beauvoir abre uma janela para compreensão do conceito de situação, que se encontra ligado ao conceito de liberdade. Ao refletir sobre a ontologia fenomenológica destacam-se as seguintes consequências: a) ser homem é ser liberdade; b) a existência se funda da livre escolha que faz de si mesmo; e c) o homem é inteiramente responsável por si e pelo mundo¹⁰.

Para tanto, falar do conceito de liberdade nestes moldes é falar da liberdade situacional, ou liberdade singular. Que o ser homem é ser liberdade é fato, contudo essa liberdade se dá em situações concretas através de escolhas que não recusam o curso da história e nem são por ela determinadas. Porém são comprometidas em vista de interesses comuns.

Contudo, o que o existencialismo chama por situação “é justamente o conjunto de condições materiais e psicanalíticas que, em determinada época, definem com precisão um conjunto”¹¹.

⁷ Com essa noção de condição humana permite ao existencialismo conceber uma nova concepção de humanismo.

⁸ SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo :Nova Cultural, 1987. p. 25.

⁹ O segundo sexo, Op. cit., p. 14.

¹⁰ SILVA, Luciano Donizetti da. **Filosofia, Literatura e Dramaturgia: liberdade e situação em Sartre**. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/doiisPontos/article/view/6506> (endereço do site)

¹¹ O Existencialismo é um Humanismo, Op. cit., p. 31.

2.4. Glosas sobre o conceito da má-fé

Com intuito de compreender as informações necessárias para o estudo de *O Segundo Sexo*, se faz imprescindível aclarar alguns conceitos estruturais da ontologia fenomenológica, como por exemplo, o conceito da má-fé, que será aqui delimitado pela filosofia sartreana.

Na obra *O Ser e o Nada*, de Jean-Paul Sartre, é encontrado logo na primeira parte o entendimento da má-fé como sendo uma fuga realizada pelo homem, com intuito de aliviar imediatamente a angústia no peso da responsabilidade do existir. Em Sartre, o homem é liberdade, e esta, é ação e autonomia de escolha na autocriação da existência, haja vista que a *existência* humana “precede a sua *essência*”.

Assim, a má-fé é compreendida como o ato de mentir a si mesmo, para mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. Possui na aparência a estrutura da mentira, divergindo com esta na inexistência da dualidade do enganado e enganador.

2.5. O Outro

[...] Outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobriremos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros.¹²

Na terceira parte de *O Ser e o Nada*, Sartre trabalha a problemática da existência do Outro diante da consciência subjetiva, respondendo a duas questões primordiais na filosofia do séc. XX: a) sobre a existência do Outro; e b) sobre a relação de ser com o ser do Outro. O Outro, aqui, é visto como um mediador indispensável entre “si e si mesmo”, onde não apenas se revela o que se é, mas constitui-me em um novo tipo de ser que deve sustentar novas qualificações.

¹² Ibid., p. 16.

Esta relação aparece na filosofia sartreana como uma dependência que se constitui de duas maneiras, a saber: ontologicamente e gnosiologicamente. Isso quer dizer que o conhecimento que se tem de si mesmo depende do Outro bem como a sua constituição ontológica.

O outro só tem interesse por mim à medida que ele é um outro Eu, um Eu-objeto para mim e inversamente, à medida que ele reflete meu Eu, isto é, enquanto sou objeto para ele. Por essa necessidade na qual me encontro de não ser objeto para mim senão nele, no outro, devo obter do outro o reconhecimento de meu ser [...] Sou tal qual apareço ao outro. Além disso, visto que o outro é tal qual aparece para mim e que meu ser depende do outro, o modo como eu apareço para mim depende do modo como ele me aparece. O valor do reconhecimento de mim pelo outro depende daquele do outro por mim.¹³

Sartre exemplifica trazendo o sentimento de vergonha. Ter vergonha é ter vergonha de si. Mas a condição de possibilidade de tal sentimento reflexivo é a presença observadora de um outrem. Ter vergonha é ter vergonha de si perante outrem. Isto significa que todas as experiências de vergonha (e de outros sentimentos do mesmo tipo como, por exemplo, o orgulho ou a vaidade) dão a certeza indubitável da existência de outro.

Contrariamente à filosofia de Descartes, através do cogito ou penso, isto é, através da consciência que se apreende a si mesmo, se atinge a si próprio em face do Outro, e o Outro é tão certo para si como si mesmo. Isto significa dizer que todos, enquanto homens dependem ontologicamente uns dos outros para existir. Pelo cogito descobre-se todos os outros homens como condição de sua existência. Para obter uma verdade qualquer sobre si, necessário é que se passe pelo Outro. O Outro é indispensável à existência, tal como, ao conhecimento que se tem de si. Sartre introduz assim a questão do olhar que toma relevância conflituosa nesse contato com outra consciência, por ser ele o meio que a constitui.

A teoria do Outro em Sartre tem como base constitutiva a experiência do olhar como relação concreta e cotidiana que se experimenta a cada instante quando se depara

¹³ Ibid., p. 245

com outra consciência. O olhar do Outro toma uma significação fundamental tornando-se um intermediário que remete de si a si mesmo qualificando os seus atos.

O olhar divide-se em Sartre em três momentos: o “ser-visto-pelo-outro” como um objeto retirado do contexto; em seguida, numa relação com a paisagem, uma relação que escapa dele, sendo ao mesmo tempo, objeto e sujeito; e por último o homem em relação a si, onde ele passa de objeto a sujeito.

[...] O “ser-visto-pelo-outro” é a verdade do “ver-o-outro”. Assim, a noção de Outro não poderia, em qualquer circunstância, ter por objetivo uma consciência solitária e extramundana, na qual sequer posso pensar: homem se define em relação ao mundo e em relação a mim próprio; ele é este objeto do mundo que determina um escoamento interno do universo, uma hemorragia interna; ele é o sujeito que se descobre a mim nesta fuga de mim mesmo em direção à objetivação [...].¹⁴

O Outro, obriga o próximo a se ver através de seu pensamento como ele, reciprocamente, é obrigado a se ver através do dele. Ele depende do Outro que depende dele. A presença do Outro o coloca em perigo, pois este se petrifica, como objeto. De certa forma, ele poderia gozar dessa escravidão sob o olhar do outrem, pois se perde sua liberdade, perde, conseqüentemente, suas responsabilidades, porém, isso não passa de uma ilusão, porque sua redução ao estado de objeto não permite a ele escapar de sua posição de sujeito e, ainda, solicita esta posição, pois da mesma forma que é olhado, também olha. O Outro, o obriga a se ver através do seu pensamento.

2.6. Glosa sobre a liberdade

O existencialismo do qual Beauvoir concorda parte da premissa que o homem está condenado a ser livre, isto significa que o homem é liberdade, ele se cria a si mesmo, não é determinado ou formatado por alguma vontade metafísica; ele está lançado no mundo, portanto, é responsável pelos seus atos. Está desamparado no mundo e só conta com a vontade ou com o conjunto de probabilidades que tornam a ação possível.

3. ANOTAÇÕES SOBRE A MORAL EXISTENCIALISTA

¹⁴ Ibid., p 332

Antes de atentar para compreensão da pesquisa empreendida por Beauvoir a respeito da condição feminina, se faz necessário o entendimento das bases de seu estudo sobre a existência humana e sobre a moral da ambiguidade, haja vista que se considera como um estudo ontológico existencial.

Em seu trabalho intitulado *Por uma moral da ambiguidade*, datado em 1947, Beauvoir chama atenção para o fato de que é preciso assumir as ambiguidades da condição humana em vez de tentar evitá-las. Dessa forma, o termo ambiguidade torna-se fundamental para compreensão da existência e da ética no trabalho beauvoireano sendo a categoria primeira do homem ser no mundo e para o mundo.

Caracterizar-se inicialmente a moral da ambiguidade como diferente da ideia de absurdo, nestes termos, a ideia de absurdo remete a uma representação mental, na qual a condição do homem no mundo seria sem sentido e sem razão.

Não se deve confundir a noção de ambiguidade com a de absurdo. Declarar a existência absurda é negar que ela possa dar a si um sentido, é afirmar que seu sentido jamais é fixado, que ele deve incessantemente ser conquistado. O absurdo recusa toda moral, mas a racionalização acabada do real também não deixaria lugar para a moral; é porque a condição do homem é ambígua que através do fracasso e do escândalo ele tenta salvar sua existência. Assim, dizer que ação deve ser vivida em sua verdade, isto é, na consciência das antinomias que comporta, não significa que se deva renunciar a ela.¹⁵

Posteriormente, será considerada como distinta e oposta à moral vigente, no sentido em que esta tratava de suprimir a ambiguidade fazendo-se pura interioridade ou pura exterioridade, evadindo-se do mundo sensível ou abismando-se nele, alcançando a eternidade ou encerrando-se no instante puro.¹⁶

A compreensão do homem neste estudo passa pelo entendimento do laço concreto que há entre liberdade e existência. A liberdade é a condição original de toda justificação da existência e a fonte onde surgem todas as significações e valores. A existência é uma maneira de ser da falta de ser que o ser é; uma possibilidade de ir além do dado em um movimento de perpetua construção; um empreendimento inacabado.

¹⁵ BEAUVOIR. Simone. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. P. 105.

¹⁶ Ibid., p 14.

Para o existencialismo beauvoireano, seguindo a linha da filosofia de Sartre, o ser primeiramente é um nada e a justificação de sua existência presente surge na expansão para um futuro indefinidamente aberto por meio de projetos¹⁷ como uma transcendência. Portanto, a razão do agir humano se fundamenta no conhecimento das condições autênticas da vida.

Dessa forma, segundo Márcia Viana¹⁸, a existência humana em Beauvoir se caracteriza por dois pilares: um positivo, que é a assunção da liberdade, e um negativo, que é a demissão desta condição de ser livre. O homem precisa “se fazer falta de ser a fim de que haja ser”¹⁹, porém pelo jogo da má-fé pode ocorrer de exercer sua liberdade de forma abstrata, afirmando mentirosamente como ser, hesitando em se fazer falta de ser.

Para tanto serão apresentadas algumas situações, descritas por Beauvoir, em que ocorre a retenção do movimento original do existir e, portanto essa demissão da liberdade. São os casos: do sub-homem, do homem sério, do niilista, do aventureiro e do homem apaixonado.

O sub-homem caracteriza-se pelo medo diante da existência, “ele gostaria de esquecer de si, ignorar-se, ficar ausente do mundo e de si mesmo”²⁰, porém, não é dado ao homem o recurso de não existir, por mais que negue sua presença no mundo ele não tem como apagar a evidência angustiante de sua liberdade.

Já no universo da seriedade caracteriza-se pelo mascaramento do movimento do existir; O homem sério renega a tensão subjetiva da liberdade em proveito de fins que se pretendem que sejam absolutos. O homem sério reconhece não ser deus, porém o quer ser. Busca na exterioridade as justificações de sua vida.

No entanto, existem casos de homens que se encontram no universo da seriedade e vivem com boa-fé, são os casos de sujeitos mantidos num estado de servidão e de ignorância, aos quais é negado todo instrumento de evasão. Aqui entra a reflexão da situação da mulher ocidental, que adota escolhendo ou ao menos

¹⁷ O termo projeto, na acepção dada pela filosofia existencialista, é entendido como que o homem decide ser na construção existencial, o sentido dado para si, visto que não pode definir-se de fora. O projeto só é possível e coerente na medida que um homem existe, e existe desde que um homem o faz existir.

¹⁸ VIANA, Márcia Regina. **Demissão ou Assunção da Existência: Uma questão moral em SIMONE DE BEAUVOIR**. Rio de Janeiro: Editora Annablume, 2009. p. 163.

¹⁹ Essa descrição é feita pelo Sartre em seu ensaio O Ser e o Nada para a compreensão do fracasso ambíguo que caracteriza o homem.

²⁰ Por uma moral da ambiguidade. Op.cit., p 41.

consentindo, o mundo construído pelo marido ou amante. As suas ações só devem se definir e se julgar no seio desse dado limitado.

No caso do niislita o homem é consciente da impossibilidade de ser, ele sabe que a existência autêntica só se realiza com comprometimento de sua liberdade, porém recusa o movimento de construção. Contudo “essa vontade de negação desmente perpetuamente a si mesmo, pois no momento em que se desdobra se manifesta como presença”²¹ no mundo, visto que “é verdade que o homem não é, também é verdade que ele existe”²².

O homem aventureiro é descrito como aquele que se lança com ardor a empreendimentos, não com intuito ao fim visado, mas apenas ao movimento da conquista. Para tanto, torna-se indiferente aos meios de atingi-lo. Não leva em consideração o sentido humano da sua ação, sendo apático à existência de outrem.

E por último tem-se o homem apaixonado, no qual a subjetividade fracassa em confirmar-se no movimento do existir. Ele busca no objeto de paixão suas justificativas e conseqüentemente demite-se da existência.

Desta forma, a moral em Beauvoir é compreendida como uma adesão e comprometimento à existência autêntica, não fornecendo receitas prontas como à moral vigente, mas propondo como método para os fins da ação humana o indivíduo. A moral existencialista recusa todas as justificativas prévias que se poderiam tirar da civilização, da idade, da cultura- é a recusa de qualquer princípio de autoridade.²³

A partir dessas anotações referentes à moral existencialista é que se iniciará a apreensão da sua importância para os fundamentos da pesquisa sobre a condição humana feminina. Pois a mulher é como todo ser humano, uma liberdade autônoma, porém descobre-se e escolhe-se num mundo construído pelos valores dos homens.

4. DISCURSO REFERENTE AO DESTINO

O capítulo que se inicia tratará do discurso do destino que limita a mulher ao posicionamento de segundo sexo na história da humanidade. Esta parte subdivide-se em

²¹ Ibid., p. 49

²² Id., p. 49

²³ Ibid., p. 100

três itens: discurso biológico, discurso psicanalítico e discurso dado pelo materialismo histórico. Serão compreendidos os aspectos do corpo no discurso biológico; o aspecto da libido no discurso psicanalítico; e o aspecto da técnica no discurso do materialismo histórico.

4.1. Destino biológico

“[...] É sem dúvida a partir de suas possibilidades fisiológicas que cada um se lança, mas o próprio corpo não é um fato bruto, ele exprime nossa relação com o mundo e é por isso que ele próprio é objeto de simpatia ou de repulsa e que, por outro lado, não *determina* nenhum comportamento [...]”²⁴

A compreensão da corporeidade realizada por Beauvoir encontra eco pelos estudos da antropologia filosófica contemporânea, que é vista como forma de presença do homem no mundo enquanto dimensão constitutiva e expressiva do seu ser.

Nestes termos, segundo Henrique C. de Vaz Lima²⁵, a presença do homem no mundo pela categoria da corporalidade é dada por duas formas: a presença natural ou simples *estar-aí*, onde o homem está no mundo ou na natureza em situação passiva; e a presença intencional ou *ser-aí*, na qual o homem está no mundo em situação ativa.

É partindo dessa concepção fenomenológica da presença intencional do homem no mundo que o corpo é estudado no trabalho beauvoireano sobre a condição feminina. Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir analisa filosoficamente a condição feminina. Partindo da compreensão existencial do ser, a existencialista reflete sobre as possibilidades de constituição de uma trajetória existencial autêntica na situação do *ser fêmea* na humanidade.

A fêmea humana caracteriza-se por um destino biológico pesado, este moldaria, segundo Beauvoir, sua trajetória existencial, limitando suas capacidades individuais numa sujeição à espécie em que a coloca numa *situação*²⁶ diferente ao do *ser macho* no mundo.

²⁴ Ibid., p. 40

²⁵ VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica I**. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 158.

²⁶ Para esclarecimento sobre os termos técnicos utilizados na interpretação do ensaio em questão, faremos uso da compreensão dada pelos estudos de Márcia Viana em seu livro *Demissão ou Assunção da existência: uma questão moral em Simone de Beauvoir* a respeito do significado dos conceitos de

Entretanto, a compreensão científica da corporalidade humana tem como objeto o corpo em suas características físicas e biológicas como é dado na natureza e não como o processo de objetivização em suas peculiaridades subjetivas e intersubjetivas.

No que concerne ao destino da situação da mulher, o conceito de corpo pelo viés biológico, evidencia-se pelo caráter limitado, visto que seu corpo possui uma funcionalidade a mais que o corpo do homem: a reprodução da espécie.

Porém essa situação limitada e pesada não constitui um destino imutável, já que a situação humana só deve ter sentido no mundo concreto.

Esses dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. Em todas as nossas descrições ulteriores, teremos que nos referir a eles. Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. [...] Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada.²⁷

Sendo assim, a análise sobre a problemática do corpo será analisada pela fenomenologia. Beauvoir cita três concepções que indicam a linha utilizada em sua pesquisa: a noção de corporeidade em Heidegger, em Sartre e Merleau Ponty. Contudo, serão feitas apenas algumas considerações sobre as descrições dadas por Beauvoir acerca das concepções de corpo desses autores, isto não será aprofundado nesta pesquisa por ela ter um caráter monográfico.

4.1.1. A concepção de corpo em Heidegger

A compreensão de corpo em Heidegger deve ser vista pelo ponto de divergência à concepção moderna científica que toma o corpo como corpo material, tornado máquina animado por uma alma, mas que pode ser dissecado e examinado em suas partes elementares.

condição humana e situação existencial. Para tanto, a especialista em Beauvoir nos define o termo “ontologia” como a reflexão que se detém no movimento do sujeito em revelar-se através do desvelamento do mundo dado; A condição humana é a condição para estabelecimento das relações humana; Já a situação existencial se refere ao ponto de inserção do sujeito no mundo dado.

²⁷ O Segundo Sexo, Op. Cit., p 65.

[...] e embora, talvez, [...] eu tenha um corpo ao qual estou muito estritamente ligado, todavia, [...] na medida em que ele é apenas uma coisa extensa, e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta do meu corpo.²⁸

Essa concepção moderna de corpo contribuiu para formação das ciências da natureza, pois impulsionou as pesquisas nas áreas da fisiologia e anatomia, as quais traziam uma abordagem do corpo como um conjunto físico de sistemas relacionados entre si.

A visão de corpo heideggeriana é situada na discussão sobre o sentido do ser, apesar de não ter feito menção do assunto em seu principal trabalho, *O Ser e o Tempo*. A discussão do ser em Heidegger constitui um problema na história da filosofia, pois padece de uma confusão entre os conceitos de ser e de ente, sendo a maior parte dado o conceito de ser referente ao ente, por sua análise, o ser foi historicamente esquecido dentro da filosofia.

Então, direcionando-se pelo método fenomenológico, entende a existência como o modo de ser deste ente que é o homem. Caracteriza o ente homem como inacabado o qual é constituído pelo seu estar-no-mundo. Divergindo do estar-no-mundo dos objetos, o homem encontra-se lançado no mundo como possibilidade de ser pelos atos, num continuo projetar-se.

Posto isto a análise será realizada com base no trabalho de *Seminários de Zollikon*, onde a problemática da corporeidade é apreendida. A noção de corpo neste trabalho é resultado do entendimento do seu método fenomenológico. Portanto, o corpo é visto em relação direta com o mundo, um modo singular de ser do homem no mundo.

[...] Se o corpo é, em cada caso, meu corpo. Isso faz parte do fenômeno do corpo. [...] Se o corpo como corpo é o meu corpo em cada caso, então este modo-de-ser é o meu e, portanto, o corporar é co-determinado pelo meu ser homem no sentido da permanência ek-stática no meio do ente iluminado. O limite do corporar (o corpo só é: corpo uma vez que corpora) é o horizonte-da-ser no qual eu permaneço. Por isso o limite do corporar se modifica constantemente pela mudança do alcance de minha estada. O limite do corpo

²⁸ DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973, p. 115.

material, ao contrário, geralmente não se modifica, a não ser talvez, ao engordar ou emagrecer. Mas a magreza também não é fenômeno do corpo material, mas sim do corpo. [...] Apenas não podemos confundir nosso ser-corporal existencial com a materialidade-corpórea de um objeto inanimado simplesmente presente.²⁹

Irrefutavelmente o corpo humano é aceito nesta compreensão como qualitativamente orgânico e biológico, porém, ontologicamente essas categorias são insuficientes para determinar a sua corporeidade. Sendo assim, o modo de ser que a cada vez se é, estrutura a corporeidade de cada um e orienta em direção ao mundo como um "ser-corporal existencial".³⁰

4.1.2. A concepção de corpo em Sartre

No trabalho *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre, especificamente na terceira parte, referente à relação com o *outro*, pode ser visto a sua teorização sobre o corpo como descrições das respectivas dimensões ontológicas: a) o corpo como ser-para-si; b) o corpo-para-outro; e c) o corpo como ser-aí-para-outro.

Influenciado pelo método fenomenológico, compreende a separação entre o corpo e consciência como um problema, pois nessa visão o corpo é dito como uma coisa dotada por leis próprias e sendo possível de definição do lado de fora e a consciência com algo íntimo, de dentro.

A primeira dimensão trabalhada por Sartre é definida como corpo concreto ou corpo como ser em si. Nessa dimensão o corpo e a consciência são percebidos sem qualquer distância, capturados por uma consciência perceptiva e espontânea. O corpo é definido como a forma contingente que a necessidade de sua contingência assume. Vale ressaltar que o homem encontra-se numa situação com a qual está engajado. Para tanto, segundo Sartre, existir e situar-se constituem a mesma coisa, o corpo representa a minha individualização do comprometimento no mundo.

Na segunda dimensão ontológica o corpo é tido como abstrato ou corpo-para-outro, o qual compreende a maneira como um corpo surge para o outro e como o corpo do outro se apresenta. Aqui as estruturas de um ser para o outro são idênticas as do ser

²⁹ HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes. p. 114, 245.

³⁰ FERREIRA, Acylene Maria Cabral. **A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger**. *Síntese-Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 37, n. 117, p 107-123, 2010.

do outro para um. Desse modo, o outro pode submeter a um, e um se submeter ao outro, como instrumento, sem que um e o outro se reduzam a ser apenas instrumento.³¹

Existo meu corpo: esta é sua primeira dimensão de ser. Meu corpo é utilizado e conhecido pelo Outro: esta, a segunda dimensão. Mas, enquanto sou Para-outro, o Outro desvela-se a mim como sujeito para qual sou objeto. Trata-se inclusive, como vimos, de minha relação fundamental com Outro. Portanto, existo para mim como conhecimento pelo o Outro – em particular, na minha própria facticidade. Existo para mim como conhecido pelo Outro a título de corpo. Esta, a terceira dimensão ontológica de meu corpo.³²

A última dimensão do corpo, o ser-aí-para-outro, compreende o que um é para o outro, enquanto o outro se revela o sujeito para o qual um é objeto. Pelo instrumento do olhar, um é revelado pelo seu ser-objeto ao outro, como revelação da transcendência como transcendida. No momento em que o outro o captura pelo olhar, aquele é revelado em seu mundo, como objeto. O outro cumpre uma função pelos dois para qual são incapazes de realizar: são vistos como são.

4.1.3. A concepção de corpo em Ponty

Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo.³³

No trabalho intitulado *Fenomenologia da Percepção* do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, há uma concepção da corporalidade humana como mediadora no processo de conhecer o mundo. Herdeiro da fenomenologia husserliana, rejeita a ideia tradicionalista da epistemologia, dado por uma abordagem intelectualista ou empirista, mas acredita que o sentido aparece na relação que emerge entre o sujeito e objeto.

³¹ PINTO, Fábio Machado; FUCK, Lara Beatriz. **O corpo e suas dimensões ontológicas na obra de Jean Paul Sartre. Corporalógica.** Córdoba, Ano 1, n. 2, secc 2, p. 35-56, Junho de 2009.

³². O Ser e o Nada. Op. cit., p. 441.

³³ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.269

Nosso corpo, enquanto se move a si mesmo, quer dizer, enquanto é inseparável de uma visão do mundo e é esta mesma visão realizada, a condição de possibilidade, não apenas da síntese geométrica, mas ainda de todas as operações expressivas de todas as aquisições que constitui o mundo cultural.³⁴

Assim, o corpo é compreendido como corpo vivido ou corpo próprio, situado no mundo; condição de possibilidade para qualquer saber e para o encontro com o outro:

Ser uma consciência, ou, antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles. [...] O psicólogo não podia deixar de redescobrir-se enquanto experiência, quer dizer, enquanto presença sem distância ao passado, ao mundo, ao corpo e ao outro, no momento mesmo em que ele queria perceber-se como objeto entre os objetos.³⁵

Segundo Ponty, o corpo tem como característica principal, a sensibilidade. É através dos sentidos que se entra em contato com mundo. Portanto destaca-se que, a experiência no mundo, é antes de tudo, uma experiência corpórea.

4.1.4. O corpo beauvoireano

Assim, o mito do eterno feminino se fundamenta a partir da noção de uma essência pré-definida da existência feminina, onde é possível caracterizá-la como inferior à existência masculina. A problemática deste mito localiza-se na pretensão de pôr um limite existencial ao ser fêmea na condição humana de mulher. Este atribui ao corpo feminino um papel preponderante na constituição da diferença das modalidades existenciais de ser homem/ mulher, pois a mulher, nestes termos, é presa da espécie.

O corpo feminino surge no conceito de eterno feminino como um meio em que a subjetividade da mulher se encerra. O discurso biológico toma aqui grande importância, pois a funcionalidade da fêmea passa a caracterizar a sua situação existencial.

³⁴ Ibid., p. 519

³⁵ Ibid., p.142.

Contudo, a através da perspectiva da filosofia existencialista, a noção de corpo beauvoireano não aceita a compreensão de uma natureza existencial que enclausure o homem a determina função. Cita Beauvoir:

A perspectiva que adotamos é a da moral existencialista. Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só realiza sua liberdade pela sua constante superação em direção a outras liberdades; não há outra justificativa da existência presente senão sua expansão em direção de um futuro indefinidamente aberto.³⁶

O corpo beauvoireano, é visto como uma situação, uma tomada de posse do mundo e um esboço de nossos projetos.

4.2. Sobre o ponto de vista psicanalítico

Em segundo ponto, se faz necessário observar as considerações de Beauvoir sobre a psicanálise. Essas considerações são compreendidas pelas suas contribuições ao estudo da mulher e a evolução de sua sexualidade.

Apesar de Freud não ter logrado êxito em realizar uma descrição do destino feminino sobre o masculino, suas contribuições aqui foram bastante pertinentes, principalmente, no que diz respeito ao progresso realizado no campo da psicofisiologia, pois este trouxe a compreensão que não é a natureza que define a mulher, mas sim, a mulher que se define, no sentido que retoma a natureza em sua afetividade.³⁷

A psicanálise freudiana considera o desejo e a procura pelo prazer como fundamento para conduta humana, encarando como verdade primeira do homem a relação com seu próprio corpo e com o corpo de seus semelhantes. Dessa forma, o homem é apresentado “como um campo de batalha entre impulsos e proibições igualmente destituídos de sentido e contingências”³⁸.

Em Freud, a evolução da sexualidade feminina encontra-se como num conflito entre tendências viriloides e a femininas, visto que busca identificar-se com o pai ou a mãe. Cita Beauvoir:

³⁶ O Segundo Sexo. Op cit., p 30.

³⁷ O Segundo Sexo. Op cit., p. 71.

³⁸ Ibid., p 78.

[...] A descrição do destino feminino é desse ponto de vista, impressionante. No sentido em que os psicanalistas o entendem, “identificar-se” à mãe ou ao pai é *alienar-se* em um modelo, é preferir ao movimento espontâneo de sua própria existência uma imagem alheia, é fingir ser. Mostram-nos a mulher solicitada por dois modos de alienação; é evidente que fingir ser homem seria para ela fonte de malogro, mas fingir ser mulher é também ilusão.³⁹

Entretanto, a perspectiva existencialista sobre o “destino” da mulher a coloca num mundo de valores, atribuindo às suas condutas uma dimensão de liberdade, onde a noção de escolha é ponto diferencial entre os posicionamentos expostos. A mulher aqui, diferentemente da posição psicanalista, hesita entre o papel de objeto e a reivindicação de sua liberdade.

4.3. Sobre o ponto de vista do materialismo histórico

O último ponto de análise da questão do destino realizada por Beauvoir é a investigação pela teoria do materialismo histórico. Nesta perspectiva, o destino da mulher e o socialismo encontram-se intimamente ligados, haja vista que a opressão social da mulher é consequência de uma opressão econômica.

Em Engels, a história da mulher é subordinada à história das técnicas. Em *A origem da família*, relata que concomitante ao surgimento da propriedade privada surge a escravidão, ou seja, o uso da força de trabalho de outros homens. É nesse momento que a mulher torna-se propriedade do homem. Portanto,

[...] Nisso consiste “a grande derrota histórica do sexo feminino”. Ela se explica pelo transtorno ocorrido na divisão do trabalho em consequência da invenção de novos instrumentos. [...] O problema da mulher reduz-se ao de sua capacidade de trabalho. Forte na época em que as técnicas se adaptavam às suas possibilidades, destronada quando tornou-se incapaz de explorá-las, ela volta a encontrar no mundo moderno sua igualdade com o homem.⁴⁰

Contudo, Beauvoir recusa a compreensão do destino da mulher pelo monismo econômico de Engels, pois a sexualidade feminina, nessa perspectiva, evidencia a sua

³⁹ Ibid., p. 84.

⁴⁰ Ibid., p. 88 e 89.

situação econômica, encerrando a mulher nas categorias de “burguesas” ou “proletárias”, reduzindo a oposição dos sexos unicamente a um conflito de classes.

É verdade que a divisão do trabalho por sexo e a opressão que dela resulta evocam, em certos pontos, a divisão por classes, mas não seria possível confundi-las. Não há cisão entre as classes nenhuma base biológica. [...] a situação da mulher é diferente, em particular por causa da comunidade de vida e interesses que a torna solidária do homem, e por causa da cumplicidade que ele encontra nela. Nenhum desejo de revolução a habita, nem ela poderia suprimir-se enquanto sexo: ela pede somente que certas consequências da especificação sexual sejam abolidas.⁴¹

A questão a ser analisada é de caráter existencial, a mulher é como o homem, habitada pela transcendência, para tanto, seu projeto não encontra lugar na repetição da vida, mas na superação em vista de um futuro. O fato de a mulher ser presa da espécie encerrada nos mistérios da maternidade, a impossibilitou de participar ativamente da produção existencial da humanidade.

5. DISCURSO REFERENTE À HISTÓRIA

Já foi verificado ao que concerne a compreensão existencial da ontologia beauvoireana, que o movimento da existência se caracteriza pela dicotomia Transcendência-Imanência ou Assunção-Demissão. Estas, aos termos do discurso da História, desempenharam um papel fundamental para sua análise, pois possibilitaram o curso de vida diferente de homens e de mulheres na humanidade.

No que diz respeito a esse movimento existencial, o sujeito realiza-se como transcendência de si, caracterizando o movimento de superação de um estado inicial. Esta superação é observada quando o ser assume seu estado original de liberdade e, então, realiza a passagem desse estado; Já na imanência se verifica a passividade ontológica, logo, não há superação do estado inicial e o não exercício da liberdade de se constituir. Esta pode ser resultado da opressão ou pode ser realizada como escolha, e acontece quando o ser demite-se de sua condição de sujeito soberano⁴².

⁴¹ Ibid., p. 92.

⁴² VIANA, Márcia Regina. Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir. *Revista de Estudos Filosóficos*, São João del-Rei-MG, nº 5 /2010, P. 118 – 129.

Tomando como ponto de partida a filosofia existencial para análise na revisão da História, Beauvoir mostrou que o mundo sempre pertenceu aos machos e que as razões dadas como explicação para este fato são insuficientes para compreensão dos privilégios que permitiu a hierarquia dos sexos. Levanta como hipótese que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher, porém inevitável questionar quais privilégios lhe concederam essa vontade.

A sua análise se inicia desde dados da pré-história, onde se observa a reprodução como o fardo de extremo peso para construção da condição da mulher, e prossegue até o reconhecimento pela ONU da igualdade de direitos dos dois sexos já na contemporaneidade, que segundo Beauvoir, fazendo um prognóstico, traria a assimilação mais profunda da mulher na sociedade outrora masculina. Contudo, qualifica a evolução da condição feminina como descontínua, pois a situação da mulher sofreu os transtornos ocorridos em determinadas épocas na situação econômica, social e política.

5.1. MOMENTOS I E II

O período estudado nestes momentos é especificamente, o período da pré-história. Foram percorridos por dois momentos: o período que se compreende antes do surgimento da agricultura e o período agrícola.

Inicialmente, ao que concerne ao período antes da agricultura, a história da mulher limitava-se a ser contada pelas fadigas da reprodução incessante e desregrada que ocasionaram o acréscimo das duras tarefas domésticas.

Para Beauvoir, um primeiro fato de pesadas consequências para a formação da situação da mulher encontra-se na absorção por parte das maternidades repetidas, de sua força e do seu tempo produtivo.

[...] como não havia evidentemente nenhum controle dos nascimentos[...]. Nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades. Imprescindível à perpetuação da espécie, perpetuava-a de

maneira exagerada: o homem é que assegurava o equilíbrio da reprodução e da produção. [...] ⁴³

Verificou-se que nesse período, a mulher, viveu mais intensamente o seu aprisionamento à espécie, pois a função reprodutiva a excluiu das expedições guerreiras, e, portanto, da produção existencial. Considera-se que engendrar e aleitar não são atividades e projetos são funções dadas pela natureza e que a existência se faz a partir de projetos de superação rumo ao um futuro diferente, assim a subjetividade feminina encontra-se encerrada na repetição da vida e na imanência.

Já foi dito que o homem encontra-se presente no mundo ao tornar-se para os outros homens um dado que está destinado a ser transcendido, utilizando-o ou combatendo-o; no caso da mulher, neste período, a situação biológica e econômica possibilitou ao macho a supremacia.

Com o período agrícola houve uma assimilação da mulher à terra, pois ambas se caracterizam pela permanência da vida, essa ideia da defloração pela ordem mística possibilitou que a mãe tivesse uma função primordial e evidentemente necessária no clã. A propriedade comunitária é transmitida pela mulher, misticamente, a terra a pertence; ela é habitada pelas mesmas forças obscuras que habitam a terra ⁴⁴.

É, pois, através delas que se mantém e propaga a vida do clã; de seu trabalho e de suas virtudes mágicas dependem os filhos, os rebanhos, as colheitas, os utensílios, toda prosperidade do grupo de que são a alma. Tanta força inspira aos homens um respeito misturado de terror e que se reflete em seu culto. Nela é que se resume toda a Natureza estranha. ⁴⁵

Porém, com passagem da pedra ao bronze, a importância da técnica passa a aumentar, o homem afirma-se como vontade soberana através dos aperfeiçoamentos da ferramenta. Sendo por meio do trabalho criador que o homem descobre-se como força geradora. Pelo domínio da técnica o homem passa a dominar a vontade da natureza e da mulher.

⁴³ O Segundo Sexo. Op. cit., p. 100 -101

⁴⁴ Ibid., p 107.

⁴⁵ Ibid., p 108.

Surgiriam as instituições e o direito, iniciando uma superioridade pensada, colocada e desejada pelo homem, o que caracteriza o que denominam de patriarcado. A desigualdade dos sexos torna-se homologada pelos códigos elaborados pelos homens e para tanto revestem a mulher de um aspecto de impureza:

[...] Eva entregue a Adão para ser sua companheira perde o gênero humano; [...] pandora, que desencadeia todos os males de que sofre a humanidade.[...] As leis de Manu definem-na com um ser vil que convém manter escravizada. O Levítico assimila-a aos animais de carga que o patriarca possui. As leis de Sólon não lhe conferem nenhum direito. O código romano coloca-a sob uma tutela e proclama-lhe a “imbecilidade”. O direito canônico considera-a a “porta do Diabo”. O Corão trata-a com o mais absoluto desprezo.⁴⁶

A mulher é indispensável para perpetuação da existência e o homem sabe disso. Logo, ele a integra-a na sociedade pela purificação da sua mácula original através do respeito e submissão a ordem masculina. O problema de querer fazer da mulher companheira e serva trará consequência para a evolução do destino feminino.

5.2. MOMENTOS III E IV

No regime patriarcal a mulher é vista como uma propriedade do homem, excluída da sucessão da herança. Ela, nada possui, se torna coisa do pai e posteriormente quando vier a casar, do marido. Assim sendo,

[...] a opressão da mulher tem sua causa na vontade de perpetuar a família e manter intacto o patrimônio, ela se liberta também dessa dependência absoluta na medida em que escapa da família. Se a sociedade, negando a propriedade privada, recusa a família, o destino da mulher é consideravelmente melhor. [...] ⁴⁷

Porém, Beauvoir nos mostra que em determinados lugares a mulher, obteve certos privilégios, como por exemplo, no Egito, onde ela possuía bens e tinha os mesmos direitos que os homens, com a mesma força jurídica. Entretanto, não foram

⁴⁶ Ibid., p 121.

⁴⁷ Ibid., p. 130.

socialmente iguais aos homens, sendo reservados os maiores cargos da vida pública a eles, como o de faraó, sacerdotes e guerreiros.

Na Grécia, em Esparta, a mulher era tratada quase que em pé de igualdade com o homem. A educação era dada na mesma forma a ambos os sexos; As mulheres não eram confinadas no interior da casa do esposo, não lhe pertenciam; Os encargos da maternidade eram como para os homens com a guerra, um dever físico.

Contudo, com o advento do cristianismo, o princípio de subordinação da mulher ao homem tornar-se mais forte, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio, lembrando o mito do paraíso, aonde Eva conduziu Adão ao pecado. No direito canônico, o celibato é imposto aos padres sublinhando caráter perigoso da mulher.

Para o direito germânico, que legislava nos territórios dos bárbaros, a mulher era escravizada, porém era respeitada, sua fraqueza física não era vista como uma inferioridade moral. Obtinham cargos religiosos: eram sacerdotisas e profetisas. Já com direito feudal, a mulher é vista como escrava da propriedade e do senhor feudal, o esposo permanece como tutor da esposa.

Observou-se no direito a necessidade na elaboração pelas exigências da propriedade privada e da família. Contudo, o direito canônico, o direito romano e o direito germânico que estavam de acordo com essas instituições, influenciaram a formação das leis europeias, tendo como consequência um prejuízo para mulher.

No período do renascimento encontrou-se uma evolução da condição feminina por parte das classes privilegiadas. Através do campo cultural, essencialmente no terreno intelectual, onde as damas nobres e as mulheres de espírito incitam um movimento em favor de seu sexo.

5.2. MOMENTO V

Deve-se destacar que o problema crucial para compreender o destino feminino está na conciliação entre a função geradora e seu trabalho produtor. No início observou-se que o fardo da reprodução repetida à volta aos serviços domésticos, a impossibilitou de participar na construção do mundo.

Contudo, a evolução industrial, no séc XIX, funda uma nova era para esse destino da mulher. A mulher é convocada formalmente aos trabalhos nas fábricas, sobretudo nas fábricas de fiação e de tecelagem e com isso escapam parcialmente da sua tradicional participação na produção, ou seja, pelos serviços domésticos.

Para tanto, a conquista da dignidade feminina pelo trabalho, representou para mulher, uma conquista árdua e lenta. Sua participação nas fábricas foi acompanhada por uma escravidão ainda maior: eram mais exploradas que os homens, ganhavam salários inferiores, realizavam jornadas excessivas de trabalho. E não obstante essa escravidão ainda era seguida por uma falta de solidariedade e de consciência coletiva que a deixavam desarmadas diante a nova situação.

Em consequência ao último item acima citado a regulamentação do trabalho feminino se realizou tardiamente, observa Beauvoir:

É preciso esperar até 1874 para que a lei intervenha; e, apesar das campanhas levadas a efeito durante o Império, só duas disposições referem às mulheres; uma delas proíbe às menores o trabalho noturno e exige que se lhes dê descanso nos domingos e feriados. Seu dia de trabalho é limitado a doze horas; quanto às mulheres de mais de vinte e um anos, restringem-se a proibir-lhes o trabalho subterrâneo nas minas e nas pedreiras.[...] ⁴⁸

Porém, é necessário destacar que:

[...] Todo benefício tem, como reverso, um encargo; mas se o encargo são demasiadamente pesados, o benefício já se apresenta como uma servidão; para a maioria dos trabalhadores, o trabalho é hoje uma corveia ingrata; para a mulher, não é essa tarefa compensada por uma conquista concreta de sua dignidade social, de sua liberdade de costumes, de sua autonomia econômica;[...] ⁴⁹

Entretanto, a questão da servidão biológica, ainda se faz presente. É necessário o controle da fecundidade pelo Estado ou pelo individuo, para que elas possam desempenhar “o papel econômico que lhe propõem e lhe assegurará a conquista total de

⁴⁸ Ibid., p. 174 - 175.

⁴⁹ Ibid., p. 203.

sua pessoa”⁵⁰. Assim, diferenciam-se as duas funções, antes inseparáveis: sexual e reprodutora.

Com as pesquisas desenvolvidas sobre os métodos anticonceptivos e abertura no séc XVIII para introduzi-los nos costumes, bem como, os progressos na obstetrícia ajudaram a “diminuir o número de períodos de gravidez e integrá-la (a mulher) racionalmente em sua vida, em vez de permanecer escrava desta”⁵¹.

Outro ponto a ser destacado na história feminina contemporânea é a conquista da vida política. Apesar da história da situação feminina não ser contínua, podemos afirmar que a mulher, por ser considerada um objeto de posse masculina, só obtinha capacidade de direitos junto de seu “dono”. Para tanto,

[...] A través do patrimônio é que a mulher se achava substancialmente presa ao marido; abolido o patrimônio, encontram-se eles somente justapostos e os próprios filhos não constituem laço de solidez comparável à do interesse. [...]

A igualdade de direitos dos sexos se realizou no ocidente de forma lenta, porém Beauvoir destaca o reconhecimento dessa igualdade pela ONU a todas as nações, uma possibilidade de assimilação da mulher à sociedade outrora masculina.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir pode ser considerada um trabalho filosófico de cunho ontológico fenomênico. Pois, compreende-se a sua análise feita sobre a condição feminina, como um resgate do reconhecimento da mulher enquanto ser-fêmea na humanidade.

Levanta como problemática a questão de ser mulher em um mundo masculino. Diz-se masculino, pois na história da humanidade, a mulher esteve presente somente

⁵⁰ Ibid., p. 182.

⁵¹ Id., p. 182.

como acompanhante, “sem experimentar os riscos de uma liberdade subjetiva que engendra suas próprias situações”⁵².

Com relação ao método utilizado, é primordialmente, da perspectiva existencial. É a partir da expansão para um futuro indefinidamente aberto que se justifica a existência presente. A situação singular da mulher caracteriza-se por descobrir-se e escolher-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição de outro.

A corrente existencialista é uma reflexão filosófica sobre o homem, ou melhor, sobre o ser do homem enquanto existente. Propunha que primeiro o homem existe no mundo e, só depois, se define por meio do que faz na vida, afirmando que a existência precede a essência.

[...] O que significa dizer, que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialismo o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. [...] O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. ”⁵³

A mulher, assim como o homem, é um ser humano que não é pré-fabricado, ela não possui essência e é ela que se constrói através de projetos visando a transcendência a um futuro indefinidamente aberto, ou seja, em termos de liberdade.

Dessa forma, a existência caracteriza-se pela dicotomia de movimento Transcendência-Imanência que desempenham um papel fundamental na ontologia existencialista e, particularmente em Beauvoir, explicam as realizações existenciais diferente em homens e mulheres na história da humanidade.

A mulher nos primórdios limitou-se biologicamente a repetir a criação da espécie, enquanto o homem procurou reinar o instante e construir um futuro, através de domínios técnicos. E foi este fato que possibilitou ao homem escravizar a Natureza e a Mulher.

⁵² VIANA, Márcia Regina. **Demissão ou Assunção da Existência: Uma questão moral em SIMONE DE BEAUVOIR**. Rio de Janeiro: Editora Annablume, 2009, p. 79.

⁵³ O Existencialismo é um Humanismo. Op. cit., p. 6.

Enquanto os homens faziam o movimento de transcendência, criando valores, costumes e religiões e apesar de alguns protestos isolados contra a dureza do seu destino, as mulheres nunca lhes disputaram esse império.

A fêmea, mais do que o macho, é presa da espécie; A humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como um animal.⁵⁴

E é, portanto, através dessa ausência existencial, dessa passividade que o sexo feminino é visto como Outro perante o sexo masculino. Para a autora a questão da alteridade é uma categoria fundamental para se entender o pensamento humano. Assim, a rejeição e a opressão do Outro sexo se fundamenta por bases idealistas, considerando o antagonismo das consciências uma justificativa para a oposição entre o Mesmo e o Outro. O homem é o Sujeito, o Absoluto; A mulher é o Outro.

Dizer que a mulher era o Outro equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade (...) A sociedade sempre foi masculina ; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. (...) As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusessem para si diante do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens.⁵⁵

Em resumo, Beauvoir reconhece que esse discurso que chama a mulher como outro sexo é um ser construído na sociedade e que essa disputa [de sexos] durará enquanto os homens e as mulheres não se reconhecerem como semelhantes, isto é, enquanto se perpetuar a feminilidade como tal, ou seja, enquanto acreditarem no mito do eterno feminino.

⁵⁴ O Segundo Sexo. Op. cit., p.106

⁵⁵ Ibid., p. 110

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **Balanço Final**. Tradução de Rita Braga. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

_____. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

_____. **Por uma moral da ambiguidade**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

FERREIRA, Acylene Maria Cabral. A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger. **Síntese-Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 37, n. 117, p 107-123, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PINTO, Fábio Machado; FUCK, Lara Beatriz. O corpo e suas dimensões ontológicas na obra de Jean Paul Sartre. **Corporalogía**. Córdoba, Ano 1, n. 2, secc 2, p. 35-56, Junho de 2009.

ROWLEY, Hazel. **Tête-à-Tête**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Tradução de Paulo Perdigão. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O Existencialismo é um Humanismo**. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo :Nova Cultural, 1987.

SILVA, Luciano Donizetti da. **Filosofia, Literatura e Dramaturgia: liberdade e situação em Sartre.** Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/doiPontos/article/view/6506>.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica I.** 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

VIANA, Márcia Regina. **Demissão ou Assunção da Existência: Uma questão moral em SIMONE DE BEAUVOIR.**

_____. **Liberdade e Existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir.** Revista de Estudos Filosóficos, São João del-Rei-MG, nº 5 /2010, P. 118 – 129.